

TOTAL RECALL – O SIMULACRO DA REALIDADE NÃO-VIVIDA

Isabel Guimarães*

Você é o que você faz. Um homem é suas ações e não suas lembranças.

Esta frase sentencia a vida de um homem que perdeu o referencial da memória e da identidade. Se trata de Douglas Quaid, vivido por Arnold Schwarzenegger, em “O vingador do futuro” (Total Recall, Paul Verhoeven, 1991). No filme, ele é um trabalhador da construção, que aparentemente leva uma vida normal, ao lado da esposa. A aparente naturalidade é quebrada pelos pesadelos que o atormentam. Ele vive, alternadamente, momentos de tranqüilidade e inquietação. De um lado, a sua vida, de outro, os pesadelos, acompanhados do desejo de morar em Marte. Numa manhã, ao sair para o trabalho, resume a sua situação ao comentar com a esposa: “sinto como se o meu destino fosse outro”.

No metrô, a caminho do trabalho, Doug assiste ao comercial da Rekall que oferece “lembranças de férias, baratas, seguras, ideais”. O lema desta espécie de agência de viagens virtuais é: “Rekall, a memória de sua vida”. Doug é seduzido pela idéia de poder realizar seu sonho de conhecer Marte. Na Rekall, são lhe oferecidas “duas semanas de lembranças completas”. Na venda do pacote de férias, Bob McClane, chefe da agência, argumenta: “Como lembranças reais, não saberá a diferença. Satisfação garantida. Férias de verdade são um saco. Malas perdidas, tempo horrível, motoristas de táxi ladrões. Quando viaja conosco, tudo é perfeito”. Esse discurso mostra a desconsideração com a imprevisibilidade e a fascinação pela norma máxima e pelo domínio da probabilidade. Nada pode ser deixado ao acaso e à possibilidade de imperfeição (Baudrillard, 1991). O medo do imperfeito, aliás, permeia a narrativa, tornando o desenvolvimento do real, impossível. A promessa de “lembranças completas”, na qual nada será esquecido, reporta-se à “escalada de produção de um real cada vez mais real por adição de dimensões sucessivas” (Baudrillard, 1991, p.136). Almeja-se à reconstrução exata do mundo, nos mínimos detalhes. Aqui, constata-se o domínio

da simulação que, segundo Baudrillard (1991) é caracterizado pela liquidação dos referenciais, na qual os signos do real são substituídos pelo seu duplo operatório, que, no caso, encerra um padrão acabado e não deixa margens para dúvidas.

Bob McClane sugere, ainda, que Quaid aproveite a ocasião para tirar umas férias de si mesmo e mostra a “última novidade da área” que ele chama de viagem do ego. Trata-se de uma mudança de identidade. Quaid escolhe ser agente secreto. Bob McClane, numa previsão do que vai ocorrer no restante da história, avisa: “você fica com a garota, mata os vilões e salva o planeta”. Durante o processo de implantação, Quaid sofre um embolismo, pois há uma incompatibilidade entre a memória da viagem e uma outra que já estava implantada em seu cérebro. Neste instante, inicia a perda de seus referenciais. Ele descobre, no decorrer da história, que não é Quaid, mas de fato, um agente secreto chamado Hauser, do qual não tem nenhuma lembrança. Já não sabe o que é ou não, realidade. Na sua mente, se mantém a simulação de uma vida que imaginava ser sua, enquanto a identidade original já não lhe pertence mais. Esboça-se “uma flutuação de todas as coordenadas (mentais, de tempo, de espaço, de signos)” (Baudrillard, 1991, p.155). Ele conta apenas com a sua vontade, seu desejo e suas ações.

Na situação descrita, a rede de signos artificiais se imbrica com os elementos reais. (Baudrillard, 1991). A simulação põe em causa a diferença do verdadeiro e do falso, do real e do imaginário. Na história, as duas vidas passam a pertencer à mesma personagem. Quaid, o trabalhador pacato e Hauser, o agente secreto, tornam-se um só. A intercecção dos dois modelos forma uma terceira maneira de ser que a personagem assume. A sua busca desesperada pela lembrança de episódios vividos, perde-se na lógica da simulação, que “nada tem a ver com uma lógica dos fatos e uma ordem das razões” (Baudrillard, 1991, p.26). Os fatos já não tem trajetória própria e são marcados pela “precessão do modelo” (Baudrillard, 1991, p. 26). Ou seja,

as duas individualidades estão contaminadas pelo implante e neste ponto, o real torna-se alibi do modelo. Seja qual for o caminho, Quaid não tem mais como escapar do universo regido pelo princípio da simulação. Ocorre uma verdadeira multiplicação do ser, na qual se fundem a estranheza e a intimidade do sujeito consigo próprio (Baudrillard, 1991).

Em um determinado momento, depois da chegada à Marte, Quaid é procurado por um senhor que alega ter sido mandado pela Rekall, para “trazê-lo de volta à realidade”, pois aquela situação não passaria de uma alucinação. Após um clima de suspense, ele quase acredita no que o homem afirma, quando uma gota de suor escorre da sua têmpora. Quaid percebe a mentira e lhe mata com um tiro. O simulacro já não é mais passível de ser trocado por real. Aqui, ele troca-se por si mesmo e nenhuma prova de realidade lhe virá pôr fim.

Mais do que correspondência direta com a pura objetividade da coisa, a verdade, em todos os campos, tornou-se uma questão de consenso. A prova de existência dada pela gota de suor, torna-se uma prova de sentido porque, neste caso, a significação é construída. Nesta concepção, a informação não era verdadeira, nem mentirosa e dependeu da expectativa do agente secreto. (Joly, 2003). Neste exemplo, a persuasão pertence ao domínio do verossímil, considerado uma conformidade entre um discurso e a realidade, mas correspondendo de fato, a uma conformidade entre um discurso e a expectativa. Não tem relação com o real como verdadeiro, mas com o que a maioria das pessoas acredita ser o real (Joly, 2003).

No encontro com Kuato, Quaid pede para ter as suas lembranças de volta, para que possa ser ele mesmo. O líder dos rebeldes lhe responde: “você é o que você faz. O Homem é suas ações e não suas lembranças”. O que impulsiona a sua trajetória é a sua vontade de colaborar na luta para a liberação do oxigênio no planeta Marte e o seu amor por Melinda, fatos que já ocorriam antes da sua perda de memória e que foram resgatados pelo seu desejo. Uma vez que Quaid perdeu a seqüência de fatos que constroem a sua biografia, o passado torna-se uma hipótese e, mesmo privado da identidade e da memória, ele não perde a identificação com seus desejos. Na conversa, Kuato evoca o poder de criar experiências, como uma faculdade que pode redefinir conceitos básicos como identidade e realidade (Rüdiger, 2002). Aponta-se a ocorrência simultânea da

exatidão do desejo e da indeterminação do passado. Na passagem descrita, Quaid conforma-se ao discurso do desejo, na impossibilidade de voltar a encontrar um nível absoluto do real (1991).

A esta altura, o real já se tornou uma utopia e a sua tentativa de reprodução exata, ironicamente, já não é real, mas hiper-real, pois não se trata, aqui, da reprodução da verdade, mas de simulação. Além disso, na realidade, nenhum evento é dotado de um sentido totalmente determinado a priori. Existe uma ambigüidade inerente ao real. Devido a este aspecto, são conhecidas as dificuldades de encontrar a realidade em si. Coelho dos Santos (1999) aponta para o fato de que, caso fosse possível ficar frente a frente com ela, faltaria um método seguro de abordagem que garantisse a apreensão da realidade de maneira inequívoca. Segundo o autor, “a profusão dos imateriais colocou em questão a concretude e o caráter unitário da realidade, e, igualmente, os fundamentos da concepção de uma realidade única” (1999, p.93).

Segundo Baudrillard, “é a fantasia de captar a realidade ao vivo que continua – desde Narciso, debruçado sobre a sua fonte” (1991, p.131). A tentativa de surpreender e imobilizar o real, efetuada tanto por Quaid quanto pelos que tentam capturá-lo, atesta a evidência de que as coisas escapam ao seu próprio duplo, porque não há semelhança ou exatidão possível.

NOTAS

* Jornalista e mestranda da PPGCOM - FAMECOS

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 2003.

RÜDIGER, Francisco. **Capítulos de arqueologia espiritual pós-moderna; sujeito e objeto na aurora da cibercultura**. Porto Alegre: E@, 2002.

SANTOS, Francisco Coelho dos. **Sob o brilho frio dos tubos de raios catódicos**. In: MENEZES, Francisco; SILVA, Juremir Machado da. (Org.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

